

RUBRICA REPORT(H)A: Environmental Stories

Frei João Baptista do Desterro (1760-1810)

O monge “agrónomo” que transformou a paisagem costeira do Noroeste de Portugal

Ana Isabel Lopes¹



Figura 1 — Mosteiro de São Romão de Neiva (Viana do Castelo)
©Ana Isabel Lopes, 2022

No final do século XVIII, a instabilidade das áreas dunares e o assoreamento da foz dos rios definia a paisagem da costa do Noroeste de Portugal, como dão conta, várias descrições da paisagem e a documentação institucional local. Desde o final do século passado que se observaram tentativas de fixação dessas áreas tão voláteis ao vento. Todavia, é apenas na segunda metade do século XVIII, que as iniciativas de florestação costeira se intensificam.

Desde o século XV, que a Congregação de São Bento de Portugal vinha registando a perda de terra arável junto do Atlântico. Entre o final de 1780 até à invasão dos exércitos napoleónicos, imbuída de um espírito promoção agronómica, nos «Mosteiro do Mar», particularmente nos Mosteiros de São Romão de Neiva e de São Martinho de Tibães foram ordenadas grandes plantações de pinheiros, geridas por um jovem monge.

¹ Investigadora do CITCEM e bolsista de doutoramento em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Esta investigação é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito da bolsa de doutoramento 2020. 04817. BD.

Frei João Baptista do Desterro não deixou qualquer registo do pensamento, memória ou diário da sua ação enquanto “agrónomo” e administrador do património beneditino. Contudo, deixou um extenso rastro da sua gestão na documentação dos mosteiros, em que foi recebedor e procurador, e uma marca indelével na paisagem, visível ainda hoje a norte do rio Neiva e a sul do Cávado. Este clérigo nasceu sob o nome de João Baptista da Silva, a 17 de fevereiro de 1760, em São João da Ribeira (Ponte de Lima). Ingressou na Ordem de São Bento, em 1781, no Mosteiro de Santo Tirso. No ano seguinte, tornou-se corista em Refojos de Basto e, meses depois, mudou-se para Rendufe para estudar Filosofia. Em 1783, iniciou-se em Teologia no Mosteiro de Travanca. Tendo finalizado o Colégio, em 1786, tornou-se pregador no Mosteiro de Tibães. Em 1787, deu entrada para uma duradoura permanência no Mosteiro de São Romão de Neiva, tendo sido nomeado para monge recebedor (responsável pelas rendas) e procurador das demandas (responsável pelos processos judiciais). Em 1792, acumulou com estas funções, o cargo de mestre de obras, nas quais se manteve, pelo menos até 1798.

Apesar de uma curta vida, a sua ação, ao longo de duas décadas, mostrou-se determinante para a boa gestão dos mosteiros por onde passou e para a transformação permanente da paisagem costeira. Enquanto monge recebedor, foi responsável pelo aumento das rendas, através da execução de dívidas antigas, reestruturação das rendas e da multiplicação dos prazos dos mosteiros, mantendo sempre uma relação amistosa com os caseiros. O aumento da área emprazada fez-se através do aforamento das terras junto ao mar e dos maninhos, impedindo que essas áreas fossem reservadas somente a floresta, como acontecera nos séculos anteriores. Foi precisamente esta decisão sobre os comuns que o fez ocupar-se do cargo de procurador das demandas. No entanto, se nestas áreas se impedia a existência de pinhais individuais ou comunitários, junto ao Atlântico, a norte do rio Neiva, o Mosteiro de São Romão de Neiva promoveu a plantação de pinhão, seja daquele que caía espontaneamente, mas também aquele que era, recorrentemente, comprado.

Enquanto mestre de obras e, como complemento da sua função de recebedor, mandou concertar a eira de pedra e a sala do recibo. Mas foi ao abastecimento de água que deu particular atenção. Mandou levantar e substituir os canos de chumbo por canos de pedra e exigiu, anualmente, a limpeza dos raposos (raízes), que se acumulavam e

danificavam os aquedutos. Fez também conduzir água para a cozinha e mudou o engenho do azeite, por haver maior abundância hídrica.

Pelos bons resultados a norte do rio Neiva, no ano final de Setecentos, o responsável da Congregação de São Bento de Portugal, Frei Manuel de Santa Rita de Vasconcelos, convidou Frei João Baptista para se tornar procurador do Mosteiro de Tibães no Couto de Estela e Mendo (Póvoa de Varzim), após 40 anos de má gestão dos prazos e da deterioração dos edifícios paroquiais.

Na Estela, Frei João Baptista reformou todos os emprazamentos e multiplicou as áreas passíveis de serem cultivadas. E, em menos de uma década, este monge construiu e melhorou os edifícios religiosos, residenciais e agrícolas deste couto. Logo nos primeiros três anos, arroteou várias terras, fazendo-as produzir cerca de 200 alqueires de sementeira e repartiu, entre os novos caseiros, as novas terras conseguidas. O aumento dos prazos existentes foi conseguido através da conversão das áreas de mato em campos de cereal, da drenagem das áreas húmidas, com uma bomba de água construída especialmente para esse efeito, e do aforamento dos maninhos. A drenagem das pequenas lagoas de água foi uma das ações mais visíveis e, desde 1800 até 1817, as áreas encharcadas que se tornaram pauis, deram lugar a terrenos aráveis altamente produtivos e valorizados.

Paralelamente, aumentou a área de pinhal em mais de 3, 4 hectares, para evitar o avanço das areias sobre os campos agrícolas. Foram utilizadas diferentes espécies de pinheiro, nomeadamente o pinheiro manso, em reduzida quantidade, face a outras espécies (pinheiro-bravo ou pinheiro da Flandres). Inclusive, foram transplantados pinheiros oriundos da cerca de Tibães, onde existiam os únicos viveiros da região.

Em 1807, regressou a São Romão de Neiva, enquanto abade, tendo sido reeleito, excecionalmente, em 1810. Coincidentemente nesse mesmo ano, na véspera da celebração do nascimento do santo com o seu nome, faleceu, vítima de apoplexia.

Frei João Baptista do Desterro foi um homem do seu tempo e procurou exponenciar o aproveitamento agrícola e florestal dos espaços que administrou. Sem ter deixado registo do seu pensamento, denota-se uma influência do fisiocratismo, que a Congregação de São Bento de Portugal aplicou em todas as suas casas monásticas, através do aumento da área arável, do aproveitamento das áreas incultas e da arborização. O pinheiro foi um dos ícones da ação deste monge ao tentar fixar as áreas

litorais e reconvertendo “desertos” em áreas verdes, não sendo alheio este projeto a outras instituições locais e população, que no final do século XVIII o imitavam, consoante a sua escala e meios de que dispunha.

Bibliografia sugerida:

Lopes, Ana Isabel (2023). “Fighting drift sands with pine trees: Reforestation of coastal areas of NW Portugal at the end of eighteenth century.”, *Journal of Coastal Conservation*, 27, artigo 42. <https://doi.org/10.1007/s11852-023-00969-5>

Oliveira, Aurélio de (1979). *A Abadia de Tibães 1630/80-1813: propriedade, exploração e produção agrícolas no Vale do Cávado durante o Antigo Regime*. Dissertação, Universidade do Porto.

Oliveira, Aurélio de (1997). “Da prática agronómica ao fisiocratismo nos Mosteiros de S. Bento”, In *Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, Porto, pp. 97-133.

Ramos, Luís. A de Oliveira (1977). “Fomento rural na Estela: Fins do século XVIII princípios do século XIX”, *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, 16, pp. 27-42.

Nota:

Este texto resulta da elaboração do artigo indicado na bibliografia e da participação de uma tertúlia no passado mês de julho, no Mosteiro de São Martinho de Tibães, sobre inovações agrícolas do Minho (século XVIII), durante a qual foi inaugurado um painel biobibliográfico sobre Frei João Baptista do Desterro. Esta pequena exposição, presente junto à bilheteira do mosteiro, foi elaborado juntamente com Anabela Ramos (investigadora e técnica superior dessa instituição).

Como citar: Ana Isabel Lopes - “Frei João Baptista do Desterro (1760-1810) O monge “agronomo” que transformou a paisagem costeira do Noroeste de Portugal” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2023. Disponível em <https://www.reportha.org/en/stories/item/779-the-agronomist-monk-who-transformed-the-seascape-of-north-west-portugal>